APLAUSO

ANO III Nº 29

teatro

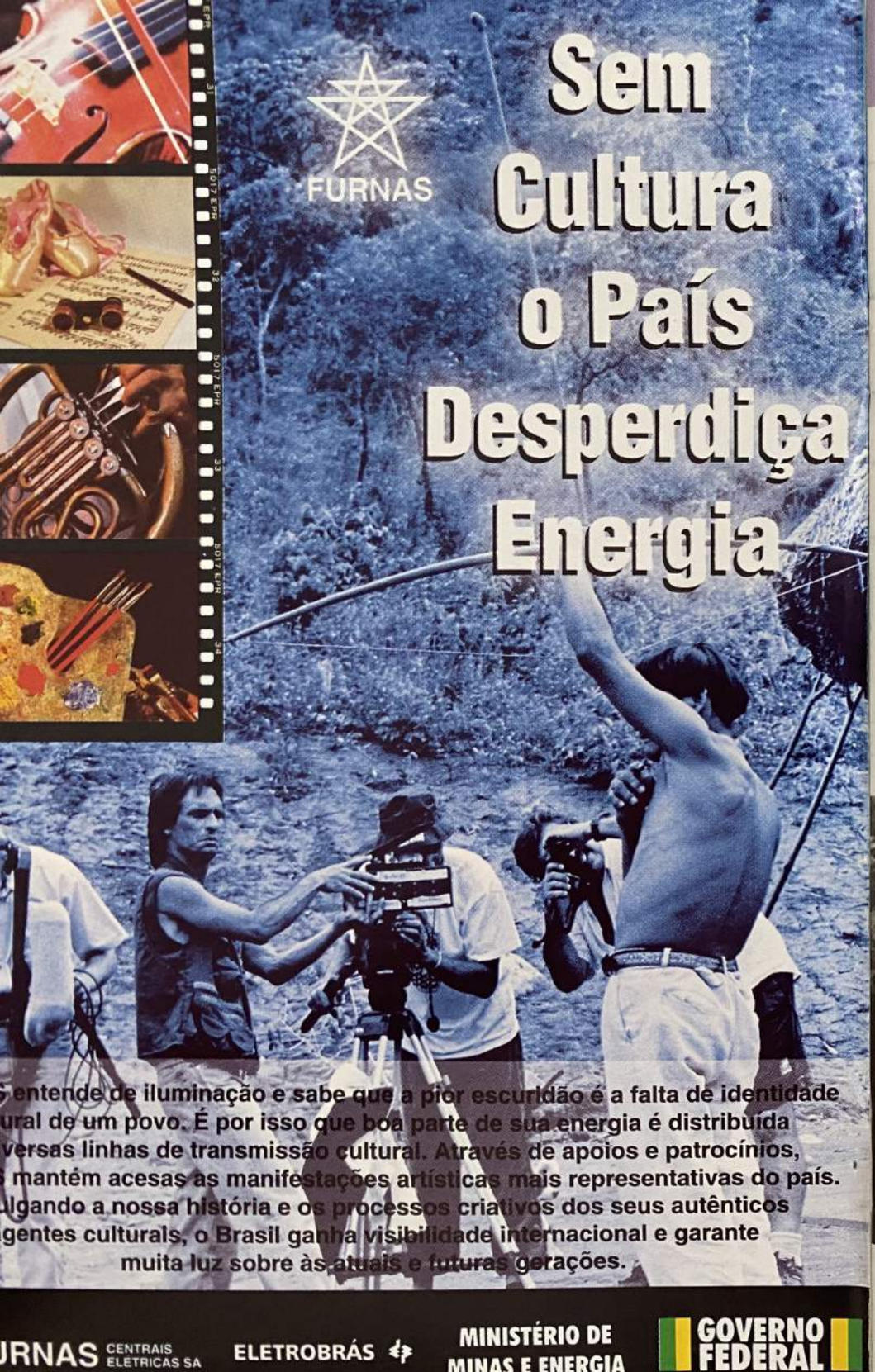
EXEMPLAR GRATUITO

Eva Wilma em

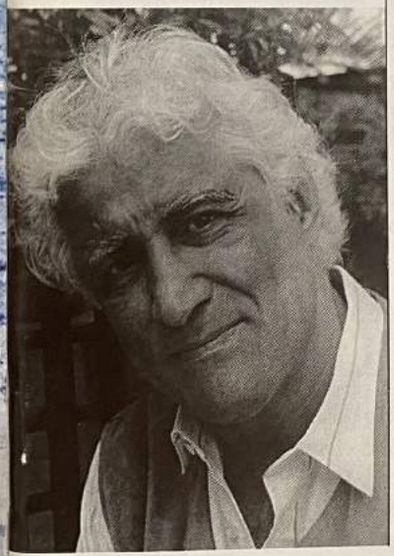
Um Dia das Mães

Nova peça de Flávio Marinho traz humor e crítica

Em cartaz • Jornal do Teatro • Antonio Abujamra • Christiane Torloni • Jacqueline Laurence • Marcelo Saback • Marcelo Serrado • Marcos Alvisi • Paulo Betti • Sylvia Bandeira • Ziraldo


FURNAS
Sem Cultura o País Desperdiça Energia
entende de iluminação e sabe que a pior escuridão é a falta de identidade
ural de um povo. É por isso que boa parte de sua energia é distribuída
versas linhas de transmissão cultural. Através de apoios e patrocínios,
mantém acesas as manifestações artísticas mais representativas do país.
lgando a nossa história e os processos criativos dos seus autênticos
gentes culturais, o Brasil ganha visibilidade internacional e garante
muita luz sobre às atuais e futuras gerações.
URNAS CENTRAIS ELETRICAS SA
ELETROBRÁS
MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA
GOVERNO FEDERAL

O Teatro da Minha Terra



Meu pai fazia teatro. Minha cidade era muito pequena, não havia televisão, o rádio era nosso contato com o mundo. O cinema trazia, a cada nova segunda-feira, as notícias da semana. Com três anos de atraso, descobri mais tarde. As duas princesas da Inglaterra já estavam em Londres se escondendo das bombas V-2 e ainda as víamos, de vestidinhos brancos, saias rodadas, sapatinhos e meias brancas, visitando a Índia. Eu sonhava com elas, uma que virou essa velhinha aí que reina da Inglaterra, e a outra, meio maluquinha, que sumiu (por onde andará Margareth?).

De vez em quando, a Companhia de João Rios passava pela cidade com seu elenco maravilhoso mambembando pelo Brasil. E a cidade virava uma festa. As atrizes de longos cabelos e lábios rubros de batom passeavam em câmera lenta pela praça da cidade e todos as olhavam como se elas fossem deusas. Meu pai entrava em êxtase. E, nas semanas seguintes, as pias Filhas de Maria e os Congregados Marianos, os melhores representantes da sociedade local, ensaiavam no auditório do grupo escolar uma peça de teatro, cujo texto João Rios deixava com papai, seu grande admirador.

Era muito democrático o teatro da minha terra. Meu pai era dez vezes mais marrom do que eu, ainda que de lábios e nariz mais finos do que os da Greta Garbo. Lindo, só que parecia um mosquito no leite lá no palco, todo vestido de branco. Mas seu personagem era o grande galã da peça. Acho que foi aí que comecei a amar o teatro. Ou será que foi quando a Daniela passou a se assinar Thomas?

Ziraldo, agosto de 2001

De última hora

Depois de São Paulo, Regina Braga lança âncora no Teatro Bloch com *Um Porto para Elizabeth Bishop*, a partir do dia 17. A intenção era viajar por outras cidades antes de vir para o Rio, mas como Bloch estava disponível e de lá é possível ver o Aterro do Flamengo, um dos pontos fortes do monólogo, Regina fez a mala rapidinho... Imperdível!

Agenda

O Teatro Ginástico foi entregue à produtora Montenegro e Raman, que arrendou o local e já programou quatro espetáculos até março de 2002. Começa dia 10 de agosto com *Frisson – O Musical*. Em outubro estréia *Conduzindo Miss Daisy*, com Natália Thimberg. Em janeiro, *Caixa 2*, com Juca de Oliveira e Mauro Mendonça. Marília Pêra sobe ao palco com *Dias de Riso*, em março.

Getúlio no palco

Sérgio Brito estréia em outubro, no Teatro Adolpho Bloch, *De Getúlio a Getúlio – A história de um mito*. Roteiro: um grupo de teatro se reúne para estudar um texto que conta a história do político. Uma bandinha vai se apresentar nos intervalos e nas passagens, tocando músicas dos anos 30 até 1954. Sérgio, que dirige e interpreta o diretor do grupo, convidou Othon Bastos (o ator que acaba virando Getúlio), Ângela Vieira, Jackson Antunes e Dil Costa para o elenco.

Porão infantil

Nove histórias curtas, entre elas seis são contos populares adaptados e três de grandes autores da nossa literatura infanto-juvenil: Ana Maria Machado, Sylvia Orthof e Ronaldo Simões Coelho. Bia Bedran reuniu todas no espetáculo infantil *O Porão das Histórias*, que está no Teatro Café Pequeno, no Leblon.

GOVERNO RJ Rio de Janeiro SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (edição de arte), Lúcia Tavares (diagramação), Maria Lucia Rangel (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Beni Laser. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: Beti Niemeyer/divulgação.

BR apresenta

PRÊMIO SHELL 2000
Categoria Especial
pela Qualidade do Repertório

CURTA TEMPORADA

Alice
através do espelho
da obra de Lewis Carroll

quintas e sextas às 20h
sábados e domingos às 18h e 20 h

fundição progresso
rua dos arcos, 24 - lapa

Armazém companhia de teatrO
direção: Paulo de Moraes

reservas e informações
9817-2265

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil

Christiane Torloni

Túnel do tempo

Christiane Torloni: "quem sobreviveu tem que se segurar."

Gostaria de falar deste momento exato em que estou fazendo a peça *Joana Dark – A Re-Volta*, a novela *Um Anjo Caiu do Céu* e vendo na tevê um trabalho que fiz há 16 anos. Ontem estava assistindo à reprise de *A Gata Comeu* e me dei conta de como é impressionante a passagem do tempo.

Normalmente não tenho saudade do trabalho. Ele se despede naturalmente e não fico segurando-o. Mas *Joana Dark* foi tão bem em sua primeira temporada que resolvi não só voltar, mas em temporada popular. As pessoas estão muito sem dinheiro e se podem fazer um programa de R$50 por R$20, ótimo! Está sendo uma delícia fazer esta reestréia.

O fato de estar fazendo um personagem de comédia na tevê, a Laila, tem facilitado muito, porque o tom da comédia me fez observar um lado de humor que a peça tem. Existia, mas estava um pouco abafado pela concepção da montagem.

Esta reprise televisiva me lembra a época em que tinha saído da Globo. Não tinha renovado meu contrato porque ou era protagonista ou estaria fadada a ser uma eterna coadjuvante. E o fato de ter sido mãe tão cedo foi uma alavanca na minha vida. Quando voltei à TV para fazer a Jô, já tinha passado para outro patamar: também tinha feito política nas ruas, ido ao Congresso, casado com Eduardo Mascarenhas... Constatei, revendo a Jô de *A Gata Comeu*, que tinha uma garra enorme ali. Estava naquele momento encerrando a minha fase *Playboy*. Em *Joana Dark* tem uma parte gráfica feita pelo Luís Trípoli, meu fotógrafo na revista.

Hoje em dia tenho uma vida muito regrada. Nos anos 80, se brincou muito. Mas quem sobreviveu tem que se segurar. Depois da temporada carioca de *Joana Dark*, que termina dia 12, saio do Rio direto para São Paulo, onde fico outras seis semanas. Daí começa a turnê pelo sul do país. Não tenho nenhum sonho de mudar de vida. Já fiz isso. As mudanças hoje são as homeopáticas, feitas diariamente."

PROJETO MULTISHOW DE INCENTIVO AO TEATRO

multishow

O canal entre o teatro e o público brasileiro.

O **Multishow**, como o canal pioneiro no incentivo ao teatro brasileiro, está selecionando peças para o **Projeto Multishow de Incentivo ao Teatro.**
O Projeto conta com a cobertura de leituras, ensaios e estréias; produção de *making ofs*; exposição na mídia nas principais capitais; apoio do lançamento no **Multishow em Revista** e divulgação no **Multishow News.**

Envie o seu projeto:
Rua Itapiru, 1209/sala 421 Rio Comprido
20251-032 Rio de Janeiro RJ
ou marketingmultishow@globosat.com.br.

www.multishow.com.br
Para assistir ao Multishow, assine
NET 0800-992211 ou SKY 0800-172728

multishow
CANAL GLOBOSAT

O beijo no asfalto

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Nelson Rodrigues revisitado. Ou como um gesto inocente pode transformar em inferno a vida de quem o praticou..

Marcelo Serrado nem havia nascido quando Oswaldo Loureiro subiu ao palco do Teatro Ginástico como Arandir, personagem criado por Nelson Rodrigues em *Beijo no Asfalto*. Exatos 40 anos depois, Serrado encarna as desventuras do sujeito bem casado que vê sua vida virar do avesso depois de um beijo. Foi em 1983, ao ver José de Abreu como Arandir na montagem de Buza Ferraz, que Marcelo Serrado se decidiu pela carreira de ator. E faz questão de encarnar o personagem ao comemorar 18 anos de carreira. Com um elenco que inclui Alessandra Negrini, Tonico Pereira, Rogério Fróes, Fernanda Rodrigues, Duse Nacarati e Ivan Fernandes, *O Beijo no Asfalto* está no Teatro Carlos Gomes até o final de setembro.

Depois de um beijo ingênuo na boca de um homem à beira da morte, instantes depois de ser atropelado por um ônibus, Arandir vê sua vida transformada em tragédia ao ser flagrado por Amado Ribeiro (Tonico Pereira), jornalista que vê no beijo a possibilidade de alavancar sua carreira. Amado faz então uma aliança com o delegado Cunha (Thelmo Fernandes), de reputação duvidosa. O gesto de pureza de Arandir é convertido em crime e, a partir da notícia no jornal, começa a luta do personagem por sua inocência. Busca refúgio na família, mas a mulher Selminha (Alessandra Negrini) o rejeita com nojo. Já a cunhada Dália (Fernanda Rodrigues) o recebe de braços abertos, mas é o sogro Aprígio (Rogério Fróes) quem dá a sentença final.

"É a peça de Nelson Rodrigues de que mais gosto", diz Marcos Alvisi, "e a que mais me incomoda, porque trata de um personagem que fica na mais absoluta solidão. O texto é construído com uma dramaturgia perfeita."

O cenário é simples. A idéia da cenógrafa Andréa Kossatz foi destacar a insignificância do ser humano diante da magnitude da metrópole. Painéis estampam manchetes relacionadas ao suposto crime de Arandir. Muito vermelho no jornal simboliza a imprensa marron. Os atores, presentes no palco todo o tempo, sentados em bancos, só assumem as características dos personagens quando se levantam para entrar em cena. Fabio Namatame assina o figurino. A iluminação é de Maneco Quinderé e a trilha sonora foi escolhida por Alvisi, que usa como tema central *Valsa de uma Cidade*, de Antonio Maria.

Sob encomenda

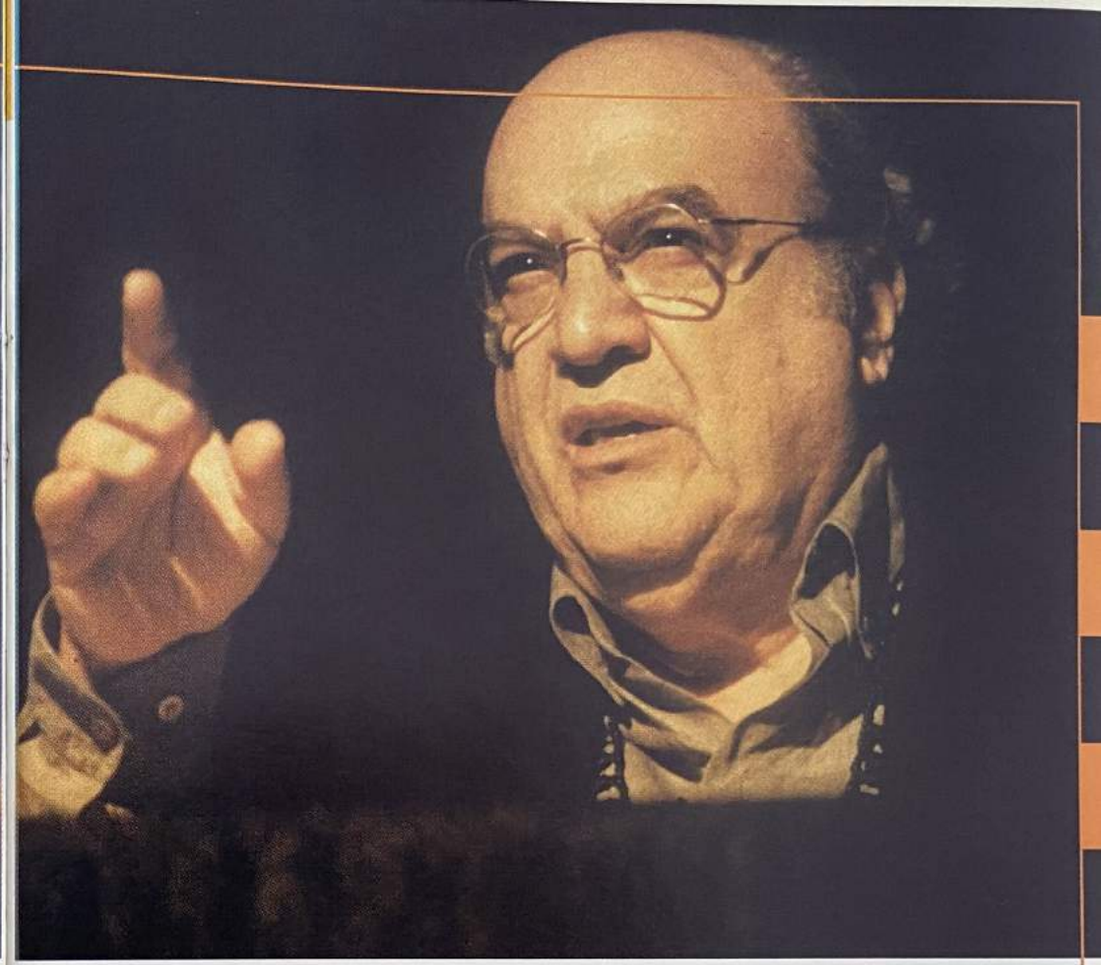
Beijo no Asfalto foi encomendada por Fernanda Montenegro a Nelson Rodrigues para a companhia Teatro dos Sete. E foi com essa peça que a companhia começou a ter sucesso, apesar de já ter encenado Bernard Shaw e Feydeau. O espetáculo original tinha ainda Renato Consorte, Sérgio Britto, Mário Lago, Suely Franco, Labanca, Zilka Salaberry, Francisco Cuoco, Ivan Ribeiro, Suzy Arruda, Carminha Brandão e Henrique Fernandes, dirigidos por Fernando Tôrres em cenário de Gianni Ratto.

O Provocador @

Sem forma, a peça de Abujamra tem todas as formas. E todas as provocações.

Por Maria Lucia Rangel

Oito e-mails depois, **Aplauso** recebeu as respostas. Ator e autor que foge do mundo, Antonio Abujamra prefere se comunicar via internet. Mas está estreando nova peça no Teatro Glória, *O Provocador @*, que escreveu com André Santana e Patrícia Mello e na qual atua com Cláudio Tizo e Marcos Corrêia. A direção também é dele. Por isso, abre uma exceção e aceita dar uma entrevista. Por e-mail, é claro.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Aplauso: Você poderia dar um rápido resumo da peça?

Antonio Abujamra: Resumo da peça? É assim: uma visão crítica do mundo. Porque, na realidade, nós é que somos provocados lendo os jornais, vendo televisão. E há uma capacidade de criar a riqueza abundante e a incapacidade de resolver o problema da pobreza.

Aplauso: É melhor provocar no teatro ou na televisão?

A.A.: Sempre é melhor a gente se divertir com a provocação de qualquer forma que apareça. Sem humor, este país não dá para se agüentar.

Aplauso: Você já tinha trabalhado com o André Santana e a Patrícia Mello? Como vocês se encontraram?

A.A.: Do André Santana, li *Amor e Sexo* e depois seu conto no livro *Os Melhores Contos do Século*. Chamei porque o seu talento não é falso, como está sendo falso o teatro brasileiro. Patrícia Mello é uma das maiores descobertas femininas-masculinas na literatura brasileira. Minha amiga.

Aplauso: Parodiando você no programa *Provocações*, o teatro vai resistir, estando a cultura e a educação tão em baixa no Brasil?

A.A.: Resistir depende de nós, urbanos, sertanejos, fodidos. Ainda faremos uma autópsia das estruturas acadêmicas que nos cercam. É preciso perceber, senhores, que este país não é Kosovo, não é Bósnia. Parem de roubar este maravilhoso país musical.

Aplauso: Você está preparado para o possível fracasso de uma peça?

A.A.: Para mim, o fracasso e o sucesso são absolutamente iguais: os dois são impostores.

Aplauso: E como reage ao sucesso que está fazendo na tevê?

A.A.: Sucesso? Com 2% de ibope? Creio que é prestígio. Só por mostrar que não foram as aves que inventaram o céu. Foi o céu que inventou as aves. Só por mostrar que não foram os peixes que inventaram o mar. Foi o mar que inventou os peixes. Nosso programa tem que ser óbvio – não uma janela aberta para o mundo, mas pelo menos um periscópio sobre o oceano social.

Aplauso: Trabalhar em trio é melhor do que em dupla? E trabalhar em dupla é melhor do que trabalhar sozinho?

A.A.: Trabalhar de qualquer forma, estando no palco, é provavelmente um único momento feliz. Tem significações profundas e uma zona escura no palco que é do ator, o diretor não entra. É preciso sempre fazer um jogo sem fim e sem regras.

Um dia das mães

Comédia-crítica de Flávio Marinho traz Eva Wilma de volta ao teatro.

Por Maria Lucia Rangel

Eva Wilma é Beatriz Gurjão, a mãe. Leonardo, um dos filhos, é interpretado por Marcelo Escorel. Igor, o filho mais velho, está na pele de Giuseppe Oristânio. E Sérgio Loroza faz Laurindo Bonfá, o convidado bem trapalhão. São estas as quatro personagens da peça *Um Dias das Mães*, a nova comédia urbana de costumes de Flávio Marinho. Escrita especialmente para Eva Wilma, que dirigiu há dez anos em *Love Letters*, Flávio põe mais uma vez a mão na massa assinando autoria, direção e produção do espetáculo que estréia dia 16 no Teatro Vannucci.

Há uns seis anos Flávio não falava da família. A amizade foi tema de *Salve Amizade* e misturou-se à história do Brasil em *Coração Brasileiro*. Agora ele retoma e aprofunda o assunto esboçado em *Noite Feliz*. É bom lembrar aos que convivem com o diretor que ele é um perigo. A "deturpação profissional" já tomou conta de Flávio há tempos. Ouve qualquer história com ouvidos de dramaturgo e adora fazer anotações: "É verdade. Me inspiro nas amizades, na família. E não só nas situações vividas, mas nas que me foram contadas. A Marina, personagem de *Um Dia das Mães* que não aparece, tinha que ser apresentada em duas pinceladas. Falando com uma amiga, ela me contou duas histórias de uma parente que se encaixaram perfeitamente. Marina estava pronta".

Bomba-day

Beatriz Gurjão é uma mãe autoritária, distante e fria. Ela recebe os dois filhos no dias das mães para um almoço – e o que era para ser uma reunião amena e afável vira um festival de alfinetadas e ironias. Beatriz trabalha como louca à frente de uma firma de computadores, mas reserva uma surpresa-bomba para todos naquele dia. Leonardo é um ator que luta com dificuldades e espera ansiosamente o resultado de um exame-bomba naquele dia. Igor, recém-separado, sofre com o afastamento do filho imposto pela ex-mulher Marina e também traz na manga outra notícia-bomba. Para piorar as coisas, Igor decide fazer uma surpresa à mãe e leva para alegrar o almoço um violonista,

De volta. E com humor.

Eva Wilma está feliz de voltar aos palcos com um texto brasileiro e de Flávio Marinho. Ela costuma chamá-lo de Senhor Teatro, lembrando que o conheceu crítico e de que é raro alguém passar da teoria à prática. Para Eva, a volta marca também o que gosta de fazer: humor. E quais os pontos em comum entre ela e a mãe que interpreta, algo a ver com ela? "Não tem a ver como mãe, mas tem como ser humano que luta pela vida, que se dedica ao trabalho. Ela é diferente na formalidade, pois sou essencialmente afetiva".

Laurindo Bonfá, fã de Laurindo Almeida e Luiz Bonfá. O músico é inconveniente, se mete nas conversas sérias e torna o ambiente mais atrapalhado ainda. "A partir desses elementos", diz Flávio, "pretendi investigar, com humor, duas instituições falidas dentro dos moldes em que se encontram atualmente estruturadas: a família e o dia das mães. A primeira, reduzida à uma célula geradora de neuroses e agressões. A segunda, confinada a interesses meramente comerciais".

Um Dia das Mães não é uma comédia rasgada, pois, segundo Flávio, o humor é sempre crítico. A mãe da peça não é aquela com avental sujo de ovo. É uma mãe diferente e, até por isso, o autor deu o título de *Um Dia das Mães*. "Não quero que as pessoas digam que o dia das mães não é assim ou que aquela mãe é fria, diferente da sua. Mas garanto que a minha mãe vai gostar. A peça é muito compreensiva e tolerante com as falhas humanas".

A trilha sonora tem a assinatura de Flávio e Loroza, incluindo *Águas de Março, Trenzinho Caipira, People, As Rosas não Falam, O Mundo é um Moinho* e *Nossos Momentos*, música-tema do espetáculo. O cenário é de José Dias e traz 190 metros de veludo vinho, cedidos pela Casa Pinto, revestindo todo o palco, chão e praticáveis que funcionam como móveis.

Flávio Marinho e o elenco (abaixo): Eva Wilma, Marcelo Escorel, Giuseppe Oristânio e Sérgio Loroza

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

O homem que viu o disco-voador

FOTO: DIVULGAÇÃO

A mudança de valores que um fato incomum pode trazer...

Por Maria Lucia Rangel

Não tem como escapar. O ator sempre acaba voltado para o teatro, onde se sente mais dono do próprio trabalho. Algo como voltar ao princípio de tudo, quando representava debaixo de uma mangueira. É assim que Paulo Betti justifica estar subindo ao palco depois de um intervalo de quatro anos, desde *O Inimigo do Povo*. Na Casa da Gávea ele encena um texto inédito de Márcio Flávio, dirigido por Aderbal Freire Filho: *O Homem que Viu o Disco-Voador*. E viu sua vida mudar depois do fato extraodinário: "Nada como uma peça de teatro para a gente sentir a nossa fragilidade", diz Betti.

A peça surgiu dentro de um contexto que é bem a história da Casa da Gávea: no ciclo de leitura que pretende revelar novos talentos brasileiros e botar na berlinda textos esquecidos. Das cerca de 40 lidas durante um ano, quatro ou cinco são montadas também em um ano: !A irmã do Márcio Flávio (autor de *Réveillon*, morto há 20 anos), sabendo do ciclo, nos mostrou o texto inédito do irmão", conta Betti. "Além de excelente, conta a história de um homem que vê um disco-voador e como ele tem tudo para provocar uma mudança em sua vida e na da família a partir daí. É um toque absoluto. Escrita nos anos 70, tem uma questão essencial colocada pelo autor na época: a filosofia hippie se contrapondo ao cara que vestia terno e ia trabalhar na Bolsa de Valores. Este tipo de atitude continua ainda. Há os interessados na vida reflexiva e os que preferem o lado prático."

Valores em cheque

Vera Fajardo (também no elenco), que comanda há sete anos o ciclo de leitura da Casa da Gávea, foi quem teve a idéia de montar *O Homem que Viu o Disco Voador*. E Aderbal convidou Betti, que admite não ter entendido a peça na primeira leitura. Depois, ele próprio passou por uma experiência também incomum, ao ouvir de um amigo publicitário, poeta e pintor, que não tinha idéia de seu projeto, a mesma história: "Conceitos sólidos como ficam diante de uma visão extraordinária?", se pergunta Betti. "Como o milagre pode transformar? E como podemos dar uma conseqüência ao fato?".

O irônico é que, na peça, o filho também vê um disco-voador depois do pai. E o pai reage. Com delicadeza, tenta persuadir o filho de que aquilo não é real. Isso depois de ter tentado convencê-lo de que também tinha visto um...

Frisson

FOTO: CIBELE CLARK/DIVULGAÇÃO

O Musical

O sucesso e seu preço e conseqüências...

Um grupo de jovens com pretensões artísticas cai diante da mídia. A crítica, sutil, surgiu do argumento de Marcos Montenegro e tomou corpo no texto e direção de Marcelo Saback em *Frisson – O Musical*, a partir do dia 10 de agosto no Teatro Ginástico. O elenco tem Flávia Monteiro como vocalista de uma banda, Cláudia Mauro como a burrinha que só pensa em malhar, Luiza Curvo como uma "interesseira" e ainda um rapaz pobre e apaixonado vivido por Cláudio Lins. Já Maurício Branco aparece como um jovem simpático e um pouco feminino. Janaína Lince debuta no teatro como a intelectual do grupo e Françoise Forton é a vilã que "vende" os filhos ao sistema. Criticando tudo isso, ouvido só pela platéia, Kiko Mascarenhas, na pele de Dicaprio.

Além dos atores, *Frisson* tem seis bailarinos escolhidos em teste entre 150 candidatos, com destaque para Isadora Medella, também percussionista. E em meio a músicas inéditas (rap, rock e baladas românticas), uma de Zélia Duncan, *O Inimigo*, especialmente composta para o musical.

Para quem gosta de comédia e de musical, Marcelo Saback está no lugar certo. *Frisson* tem ambos e, a princípio, é direcionado para os adolescentes, se bem que para ele é o público quem faz o estilo, gênero e tudo o mais de um espetáculo. "O musical tem uma magia. E exige uma certa competência dos atores, que devem saber interpretar, dançar e cantar", diz. "Se o espectador gosta do gênero, ele deixa de ser direcionado para determinada idade".

Arte em toda a parte

O primeiro ano do século tem sido produtivo para Saback. Já escreveu e dirigiu *A Paixão de Cristo*, com 50 atores e apresentada em Macaé. Também *Relax*, atualmente em São Paulo. É um dos cinco diretores de *Cócegas* e dirigiu um show de Zélia Duncan, o que lhe deu a idéia de *Frisson*: "Zélia tem o perfil que queria destacar na peça: a artista que defende o que acredita".

Frisson começa com o grupo adolescente, jovens da classe média carioca, discutindo os tempos atuais: internet, mídia, música. Todos interessados em arte e à procura de um estilo. Até que surge um empresário explicando que a música que eles fazem não é comercial. E imediatamente transforma as meninas da banda num grupo chamado As Gostosas, vestidas como gatinhas, cantando hits com playback em programas de televisão: "A música mais bagaceira", diz Saback, "é a que faz sucesso". Daí ele ter criado um slogan no espetáculo: "A arte está em toda a parte e em toda parte tem arte. Mas é preciso defender uma identidade cultural para se saber o que está sendo vendido. Se não, você passa a ser um vendido."

O autor quer mostrar que existe espaço para todos e não é necessário se vender para fazer sucesso: "Mais do que uma crítica, que ro que as pessoas defendam o que gostam.

Alice Borges, Sylvia Bandeira, Marcos Wainberg e Beth Erthal.

Casamentos...

Em um encontro de amigos, a discussão sobre a amizade e as relações. Tudo com humor inglês.

Quando Sylvia Bandeira assistiu à peça *Casamentos...* (*Absent Friends* no original) em Paris, no ano passado, não teve dúvidas de que encenaria outro texto de Alan Ayckbourn, dramaturgo inglês, autor de *Não Explica que Complica*, que ela havia produzido em 1990, traduzida por Bárbara Heliodora. Agora, a própria Sylvia traduziu a peça e convidou Jacqueline Laurence, com quem trabalhou em *Vita e Virgínia*, para dirigir. A peça estréia dia 9 de agosto no Teatro Villa-Lôbos, com Sylvia, Alice Borges, Beth Erthal, Mario Borges, Marcos Wainberg e Marcelo Brou.

Casamentos... é a história de um grupo de amigos que se reúne para um chá com o objetivo de consolar Fred (Mario Borges), que perdeu a noiva afogada. Ninguém conheceu a moça, e todos estão nervosos com o encontro. Enquanto esperam o amigo, conflitos e embaraços antigos vêm à tona, inclusive a descoberta de um antigo caso entre o anfitrião Vítor (Marcos Wainberg) e Evelyn (Alice Borges), mulher de Tom (Marcelo Brou). Diana (Sylvia Bandeira), mulher de Vítor e também anfitriã, surta durante o chá, enquanto Margot (Beth Erthal) passa o tempo todo monitorando o marido pelo telefone e tentando desfazer os embaraços entre os amigos.

"O autor tem uma coisa muito legal: vai fundo nas relações humanas e descreve com ironia as diferenças entre as classe sociais", diz Sylvia.

Jacqueline Laurence, que também vai fundo no trabalho, nas opiniões e nas amizades – e que Sylvia diz ter o mesmo humor cáustico do autor – completa: "E é muito bem escrita. Alan Ayckbourn é um dramaturgo *accompli*, como dizem os franceses", brinca esta francesa-carioca que dá gargalhadas quando conta qual será seu personagem na próxima novela de Sílvio de Abreu, *As Filhas da Mãe*: "uma governanta francesa".

Encontro de amigos

Mas Jacqueline admite que é uma direção difícil, por causa dos diálogos extremamente rápidos, escritos em ritmo de conversa: "É difícil para mim e para os atores. Esta direção requer um trabalho artesanal muito detalhado, preciso. Mas eu gosto de trabalhar com os atores e sobre os atores. Não me considero uma encenadora de grandes espetáculos, mas de peças baseadas na interpretação. O que me interessa na direção é isso."

Escrita em 1975 e atualmente remontada em Londres, *Casamentos...* trata de amizades e casamentos, mas no sentido de ligações amorosas, de encontros e amizades. O autor não situa a ação em tempo ou espaço. O que é datado foi colocado pela diretora como parte da personalidade dos personagens. É uma comédia dramática, bem definida por Paulo Medeiros, responsável pela iluminação do espetáculo: "Dá a impressão de que você está vendo pelo buraco da fechadura o encontro de amigos". Porque todo mundo vai se identificar com, pelo menos, um dos personagens.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Alice Borges e Marcelo Brou.

A Memória da Água

Texto da inglesa Shelagh Stephenson reunindo três irmãs que aguardam o funeral da mãe num vilarejo inglês, ao lado do mar. Direção de Felipe Hirsch. Com Andréa Beltrão, Eliane Giardini, Ana Beatriz Nogueira e Guilherme Weber. **Teatro das Artes** (Rua Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2540-6004. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Acredite, Um Espírito Baixou em Mim

Comédia de Ronaldo Ciambroni, direção de Sandra Pêra. Elenco: Úlvio Amaral, Maurício Canguçu, Fred Mozart, Paulo César Ladeira e a atriz convidada Stella Freitas. Sala vermelha do **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Alice Através do Espelho

Dramaturgia de Maurício Arruda Mendonça a partir do livro de Lewis Carroll, com o Armazém Companhia de Teatro. Direção de Paulo de Moraes. Com Liliana Castro, Simone Mazzer. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, 24, Lapa) Fone: 9817-2265. De quinta a domingo, 20h. R$15 (qui.) e R$20 (sex., sáb. e dom.).

Aqui Jaz Marilyn Monroe 92-58-89

Peça da dramaturga alemã Gerlind Reinshagen sobre passagens reais da vida do mito. Direção de Thierry Trémouroux. Elenco: Alessandra Hartkopf, Bernardo Lacombe, Danielle Farias. **SESC-Rio Arte** (Av. Copacabana, 360, Copacabana). Fone: 2549-9069. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 e R$5 (comerciários, maiores de 65 e estudantes). Até 12/8.

Boeing, Boeing

Comédia de Marc Camoletti, sucesso nos anos 60 com Eva Wilma e John Herbert, volta com Luciano Szafir e Anja Bittencourt. **Teatro Clara Nunes** (Rua Marques de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9696. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$20 (qui. e dom.), R$25 (sex.) e R$30 (sáb.).

Cantoras do Rádio/Estão voltando as flores

Show homenageando as grandes damas da Época de Ouro do Rádio. Com Carmélia Alves, Carminha Mascarenhas, Ellen de Lima e Violeta Cavalcante. Roteiro e direção de Ricardo Cravo Albim. **Café Teatro Arena** (Rua Siqueira Campos, 143, Copacabana). Fone: 2235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 18h. R$25 (qui., sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Cartas de um Sedutor

Versão teatral do texto homônimo de Hilda Hilst. Adaptação de Genilson Pulcineli, também responsável pela direção, cenografia, figurino e trilha sonora, esta junto com William Ferreira. Elenco: Murilo Grossi, Yonara Aniszweski e Adriana Lodi. **Espaço Cultural Sérgio Porto** (Rua Humaitá, 163, Botafogo). Fone: 2266-0896. De quarta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$16 (qua. e qui.) e R$20 (sex. sáb. e dom.).

Casamentos...

Comédia inglesa de Alan Ayckbourn em que um grupo de amigos discute casamento e amizade com inteligência e humor. Direção de Jacqueline Laurence. Elenco: Sylvia Bandeira, Alice Borges, Beth Erthal, Mário Borges. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Cócegas

Oito histórias bem-humoradas sobre o universo feminino de duas jovens autoras, Ingrid Guimarães e Heloisa Perissé, também as atrizes do espetáculo. Direção de Aloísio de Abreu, Sura Berditchevsky, Luiz Carlos Tourinho e Marcelo Saback. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 62, Ipanema). Fone: 2267-7295. Quinta, sexta e sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$15.

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

A história do compositor americano Cole Porter escrita e dirigida por Charles Möeller, com direção musical de Claudio Botelho. Com Ada Chaseliov, Alessandra Verney, Gottsha, Inez Viana, Kiara Sasso e Stella Maria Rodrigues. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua

Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2274-3536. Quinta, sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$30 (qui. sex. e dom.) e R$35 (sáb.).

Dussekolândia

Um perfil do comportamento da Geração 80 através de Eduardo Dussek, autor do espetáculo. Direção de Stella Miranda. Com Luís Salém. **Porão da Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. Sexta e Sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15.

Esperando Godot

Versão do diretor José Celso Martinez Corrêa para o clássico de Samuel Beckett, com os palhaços Harpagão e Wladimir. Com Selton Mello, Otávio Müller. **Teatro 1 do Centro Cultural do Banco do Brasil** (Rua Primeiro de Março, 66, Centro). Fone: 3808-2020. De quarta a domingo, 18h. R$10.

Festival Pequeno Gesto

Os dez anos da Companhia Teatro Pequeno Gesto são comemorados com peças, palestras e workshops. *Penélope*, baseada na história de Homero, de 2 a 19/8. *Henrique IV*, de Pirandello, de 23/8 a 9/9. **Espaço 3 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 440, Copacabana). Fone: 2275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$1,99 (qui.) e R$10 (de sex. a dom.).

Fosco Aveludado Canta a Discoteca do Chacrinha

Espetáculo que relembra o Velho Guerreiro, com música, piadas e a voz de Chacrinha comandando a festa. Direção de Márcia Santos. Com o grupo Fosco Aveludado. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 2267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Frisson – O Musical

Um grupo de jovens se encontra todas as noites na garagem da casa de um deles para trocar idéias e falar de arte. Texto e direção de Marcelo Saback. Elenco: Flávia Monteiro, Françoise Forton, Claudia Mauro, Cláudio Lins. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187, Centro). Fone: 2210-1382. Sexta e sábado, 19h30. Domingo, 18h. R$15 (sex. e dom.). R$20 (sáb.).

Joana Dark – A Re-Volta

Baseada no texto de Carolyn Gage, que descontrói de maneira inteligente todas as imagens conhecidas do personagem. Tradução de Maria Adelaide Amaral. Direção de José Possi Neto. Com Christiane Torloni, Jorge de Lima, Roberto Aguiar e Zamir de Castro. **Teatro Adolpho Bloch** (Rua do Russell, 766, Flamengo). Fone: 2558-3862. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10. Até 12/8.

Mão na Luva

Peça de Oduvaldo Vianna Filho sobre um casal que questiona o casamento em meio aos acontecimentos, também conflituosos, que caracterizaram o país no fim dos anos 60. Direção de Amir Haddad. Com Maria Padilha e Pedro Cardoso. **Teatro dos Quatro** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-9895. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.). R$25 (dom.) e R$30 (sáb.). Estréia 17/8.

O Avarento

O clássico de Molière em divertida versão feita para comemorar os 80 anos de idade de Jorge Dória. Tradução e direção João Bethencourt. Com Jorge Dória e Jaqueline Laurence. **Teatro SESI** (Av. Graça Aranha, 1, Centro). Fone: 2563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. R$15.

O Beijo no Asfalto

Tragédia carioca em três atos, de Nelson Rodrigues. Direção de Marcos Alvisi. Elenco: Alessandra Negrini, Marcelo Serrado, Tonico Pereira, Rogério Fróes, Fernanda Rodrigues, Duse Nacarati. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n, Centro). Fone: 2232-8701. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$10 (qui. e sex.) e R$15 (sáb. e dom.).

O Homem que Viu o Disco-Voador

Peça inédita de Flávio Márcio sobre um homem que reavalia sua vida depois de ver um disco-voador. Direção de Aderbal Freire Filho. Com Paulo Betti, Vera Fajardo, Paulo Giardini. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Jóquei). Fone: 2239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

O Provocador @

Antonio Abujamra tem dois parceiros neste texto: Patrícia Mello e André Santana. Abujamra também

dirige e atua, ao lado de Cláudio Tiso e Marcos Corrêia. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 2555-7262. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$1,99 (primeira semana) e R$10 a temporada. R$50 a quarta fila com direito a CD de Fernando Pessoa. Estréia 9/8.

South American Way

Musical de Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa sobre a trajetória de Carmem Miranda. Direção de Miguel Falabella. Stela Miranda e Soraya Ravenle interpretam duas Carmens num elenco de 18 atores e bailarinos. **Teatro Scala** (Av. Afrânio de Mello Franco, 296, Leblon). Fone: 2239-4448. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. Dependendo do setor onde estiver localizada a poltrona, o preço varia de R$30 a R$40.

Um Dia das Mães

Comédia urbana de costumes de Flávio Marinho, também o diretor e produtor, contando o encontro de uma mãe, os dois filhos e mais um convidado trapalhão. Elenco: Eva Wilma, Giuseppe Oristânio, Marcelo Escorel e Sérgio Loroza. **Teatro Vannucci** (Rua Marquês de São Vicente, 52, Shopping da Gávea). Fone: 2274-7246. De quinta a sábado, 2ih30. Domingo, 19h. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

Um Pijama para Seis

Comédia do francês Marc Camolletti, autor também de Boeing Boeing. Passada numa casa de campo em Petrópolis, conta as confusões de uma família. Direção de Rogério Fabiano. Com Jayme Périard, Fátima Freire. Sala azul do **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Shopping Barra Square). Fone: 3325-1645. De quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h30. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Visitando o Sr. Green

Texto do americano Jeff Baron sobre jovem executivo condenado a prestar serviços comunitários ao velho Sr. Green, após tê-lo atropelado. Direção de Elias Andreato. Com Paulo Autran e Cássio Scapin. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 2294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h30. R$20 (qui.), R$25 (sex. e dom.) e R$30 (sáb.).

South American Way

"O Falabella realmente é um gênio. O espetáculo é requintado, os figurinos são deslumbrantes e a Stella Miranda está perfeita no papel de Carmem Miranda. Corra para assistir!"

Zezé Motta, atriz

Visitando o Sr. Green

Adorei a peça. O Paulo Autran está primoroso e o Cássio Scapin, ótimo. Fui com minha neta, uma jovem, e ela também gostou muito."

Aracy Cardoso, atriz

A Memória da Água

"É um momento especial de teatro, onde se soma à qualidade do texto a criatividade do espetáculo. E com belíssimas interpretações, principalmente de Andréa Beltrão."

Marieta Severo, atriz

Joana Dark – A Re-Volta

"Christiane Torloni exibe um vigor físico e uma agilidade impressionantes. O espetáculo é de muito bom gosto."

Mauro Mendonça, ator

Aqui Jaz Marilyn

FOTO: DANIELA DACORSO/DIVULGAÇÃO

Monroe 92-58-89

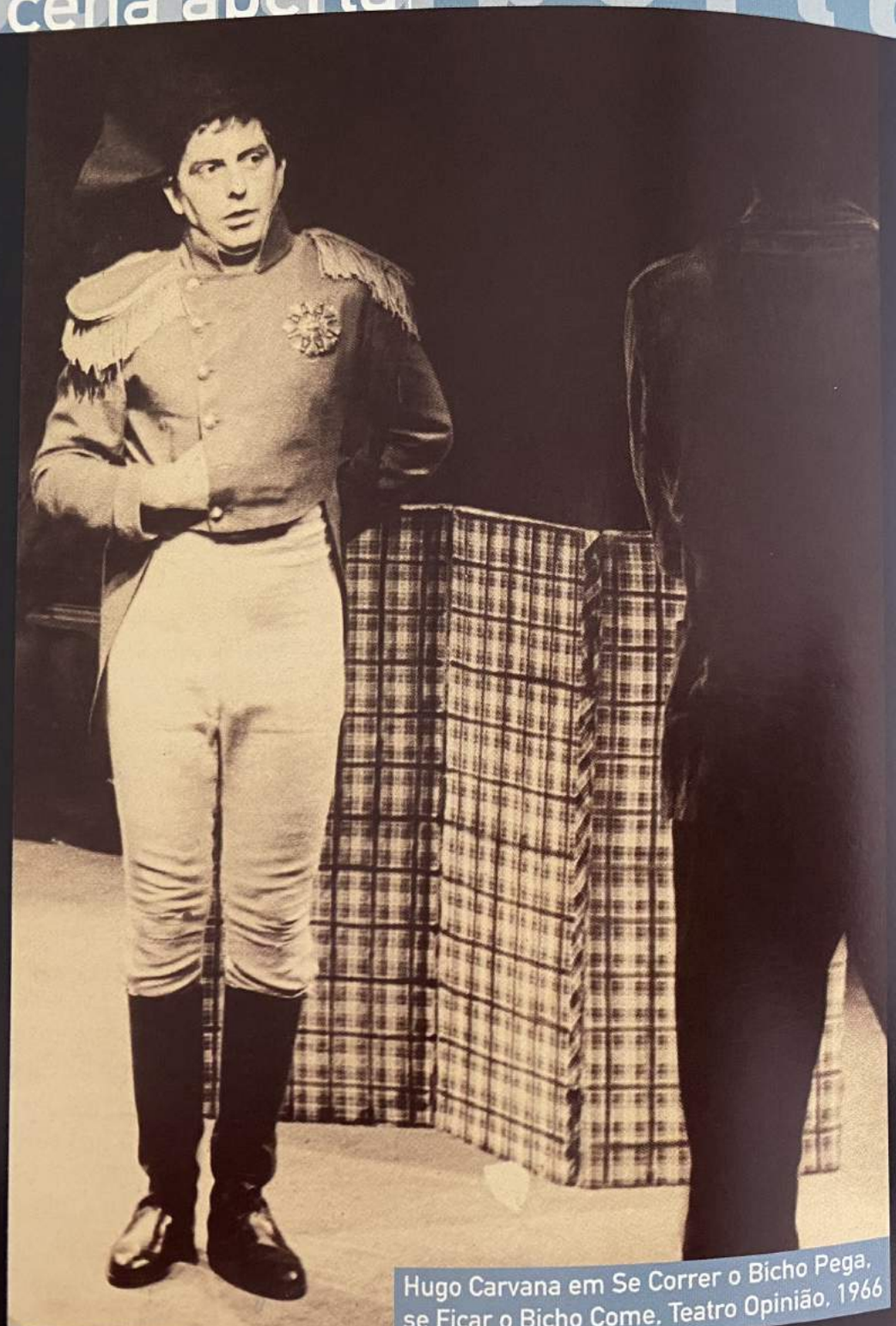
Quantas Marilyns existiram? O grupo L'Acte faz a sua aposta e leva ao palco as múltiplas personagens criadas pelo mito.

Para matar a curiosidade: os números 92-58-89 do título se referem às medidas de Marilyn Monroe nesta narrativa da dramaturga alemã Gerlind Reinshagen, que define sua obra como uma história de folhetim. Não a história da atriz, mas a história sobre o que as pessoas criam sobre Marilyn, ou sobre a imagem dela. Foi Renata Sorrah quem apresentou a peça ao grupo L'Acte (Atos de Criação Teatral), criado em 94 com o objetivo de incentivar o intercâmbio cultural entre o Brasil e a Europa em relação à dramaturgia contemporânea. Montada pelo diretor e professor da CAL Thierry Trémouroux num curso regular da escola, a peça faz sua estréia no SESC-Rio Arte em temporada de duas semanas, depois segue para o Teatro Clara Nunes.

Caleidoscópio

Fugindo da narrativa tradicional com início, meio e fim, *Aqui Jaz Marilyn Monroe 92-58-89* é composta de quadros referentes a passagens reais da vida do mito. Várias Marilyns estão em cena mostrando diferentes traços de sua personalidade. Também fisicamente elas se multiplicam: cinco atrizes formadas pela CAL interpretam a atriz. Vários personagens masculinos entram em cena, como os ex-maridos Arthur Miller e Joe Di Maggio, e o empresário Zanuck, representando a busca do pai, que Marilyn não conheceu. Mas o interessante, segundo o diretor belga Trémouroux, "é revelar por partes as muitas facetas da personagem – sempre partindo da vida íntima à exposição universal – e a forma pela qual as pessoas comuns criam suas imagens".

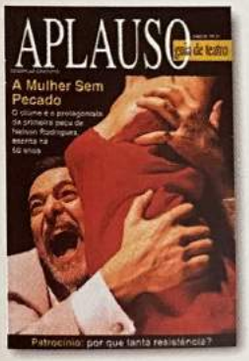
A linguagem fragmentada adotada pela autora é enfatizada pelo diretor através de cenários e figurinos. Um grande espelho revela pontos de vista diferentes aos espectadores. Imagens são projetadas em cena, não da Marilyn real, mas das várias Marilyns teatrais. Um dos recursos do cenário é a teia de elásticos que funciona como uma tela de cinema dilacerada, que pode ser atravessada pelos atores. Também é usada uma cortina aberta ou fechada, revelando apenas partes da personalidade da personagem. As diversas Marilyns usam seus próprios cabelos ou perucas louras e coloridas. Se vestem com roupas que a Marilyn real usou em vida, ou com os figurinos de suas personagens. Visualmente o espetáculo mostra a trajetória de Marilyn desde Norma Jean, seu nome verdadeiro, até o produto de consumo das massas em que ela se transformou. Marilyn no caleidoscópio!



Hugo Carvana em Se Correr o Bicho Pega, se Ficar o Bicho Come. Teatro Opinião, 1966

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil



Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

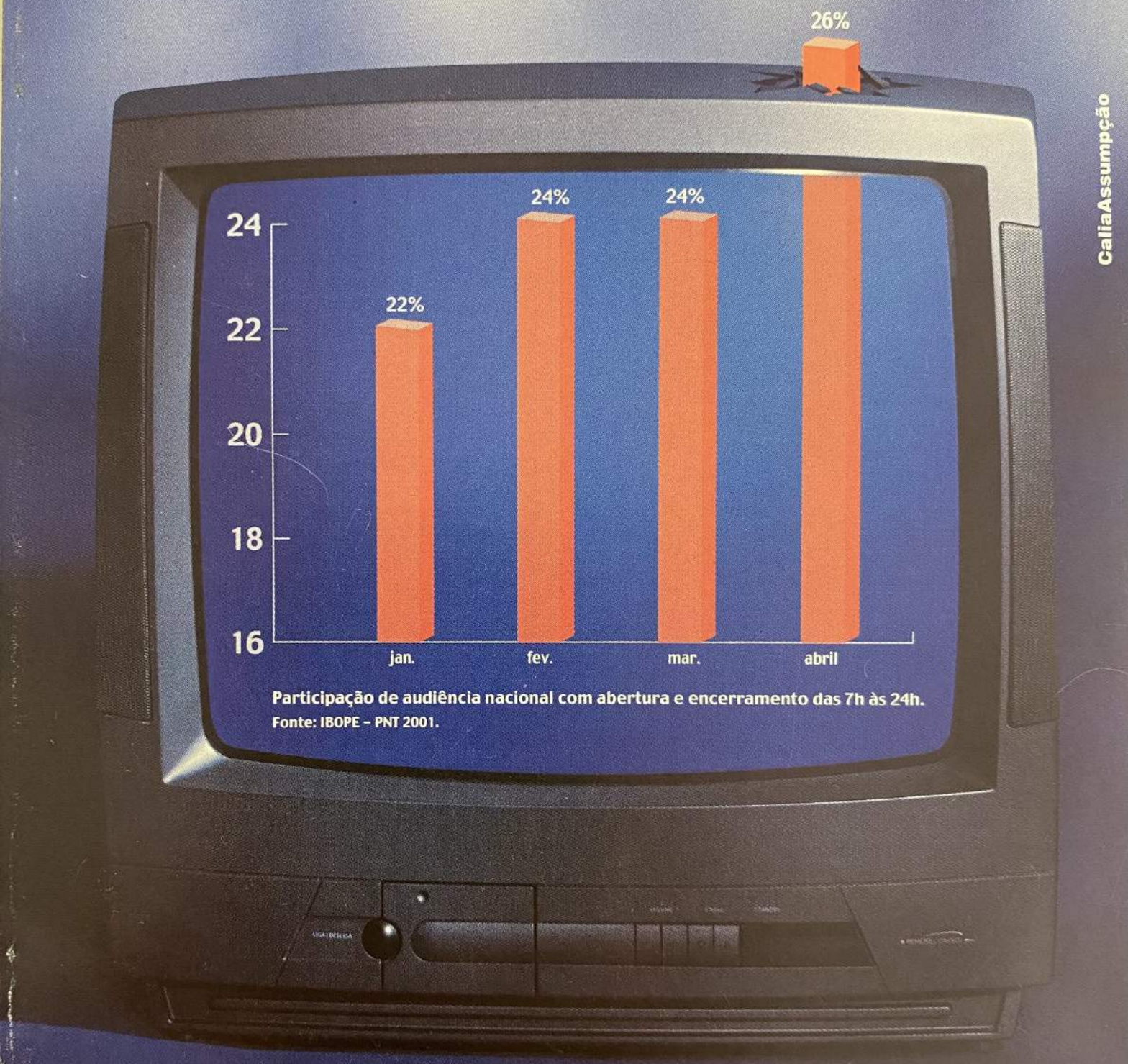
Tel.: (21) 2511-5344 / 2511-1390

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

COMPRE JÁ!

Coleção completa de Aplauso por R$ 48! Edições de 1 a 27

Assista agora a mais um show de audiência nacional do SBT.



CaliaAssumpção

O SBT está crescendo. E todo mundo está vendo.

sbt

Na nossa frente, só você.